

# Debutantes após os 50

Grupo "Meninas de Sinhá" chega aos 15 anos usando dança e música para resgatar vidas

CLARISSA CARVALHAES  
REPÓRTER

O grupo "Meninas de Sinhá" completa 15 anos em dezembro com a certeza de ter feito de cantigas de roda e cirandas um antídoto contra a depressão de moradoras do Alto Vera Cruz, na Região Leste de Belo Horizonte. Hoje, 32 mulheres com idades entre 50 e 92 anos recorrem às brincadeiras infantis para espantar a tristeza. Os encontros acontecem duas vezes por semana, na Associação Comunitária ou na casa das próprias integrantes do movimento. Sem patrocinadores fixos, a trupe que ficou famosa pelo país inteiro se sustenta apenas com os shows que realiza.

A ideia de criar o grupo partiu de Valdete Gontijo, 72 anos. Incomodada com o entra e sai de vizinhas dos postos de saúde, ela decidiu mudar a realidade das mulheres que dependiam de remédios para continuar vivendo.

"Todas nós tínhamos problemas. O marido alcoólatra, a filha jovem e grávida, o neto preso por causa de drogas ou um parente querido morto na porta de casa. Não sobrava força ou coragem para enfrentar tantas tragédias de cabeça erguida", recorda a fundadora.

Cantigas de roda e brincadeiras como corre-cutia e passa-anel permitiram o "retorno" a uma fase querida da infância. Também apresentaram às senhoras uma rotina diferente, cheia de gargalhadas.

## A trupe do Aglomerado da Serra ficou famosa pelo país e se sustenta com os shows que realiza

Com o tempo, os encontros para cantar e dançar se tornaram tão importantes que o projeto, originalmente batizado de "Lar Feliz", passou a ser chamado de "Meninas de Sinhá". "Final, o primeiro nome ficou recatado demais para um grupo de mulheres tão assanhadas", brinca Valdete.

Uma das "meninas" é a dona de casa Romancina Oliveira, 69 anos. Há pouco mais de cinco, ela vivia à base de antidepressivos. O uso dos medicamentos passou a ser constante após Ro-

mancina ver um dos filhos, na época com 36 anos, ser assassinado pelo próprio amigo.

Depois da tragédia, o único caminho que a idosa decidiu fazer foi de casa para o cemitério. Todos os dias, ela visitava o túmulo do caçula. "Quando me chamaram para entrar no grupo, não aguentava mais tanto sofrimento", lembra. "Hoje, sou responsável pela minha felicidade. Renasci por mim e por amor ao meu filho".

Outra "menina", Maria Geralda Vidal, 72 anos, vivia pelos cantos e não aceitava a presença de ninguém em casa. Nem dos netos. "O único lugar que eu frequentava era o posto de saúde, onde buscava remédios para dormir".

O incentivo para participar do "Meninas de Sinhá" veio das filhas, que não aguentavam mais ver a mãe chorando. Poucas semanas após entrar para o grupo, Maria Geralda abandonou os comprimidos – substituídos por chás, tardes de dança e muita cantoria. "Para quem só queria dormir, estou indo bem, não acha? Levo a vida cantando e dançando".

Eva Eloy, 60 anos, aderiu ao movimento depois de ficar no hospital por três meses. Com dores nas articulações e nos ossos, a dona de casa mal conseguia

DIVULGAÇÃO



Hoje, o grupo envolve crianças da comunidade: chegou a vez das netinhas

pentear os cabelos e dependia da ajuda das filhas até para tomar banho. "Tinha perdido o gosto de viver", confessa.

Aos risos, Eva conta como foram os primeiros dias junto às colegas. "A Valdete puxava meu braço para um lado, jogava minha perna para o outro. Achei que não ia aguentar aquela puxação. Mas após dois meses, minhas dores desapareceram. Agora as "meninas" brigam comigo porque pulo demais".

A psicóloga Laura Campos

afirma que é preciso coragem para libertar-se dos problemas cotidianos. "Quantos de nós conseguimos se acostumar com a tristeza e a miséria? Muitas pessoas não conseguem passar imunes a isso. São sensíveis, se deprimem, se ferem e se isolam. Mas quando decidem ir à luta, ganham outra visão de mundo", analisa a especialista em velhice. "A amizade, a solidariedade e o companheirismo dessas mulheres é o que faz dar certo", afirma.

DIVULGAÇÃO



## Batalha por patrocínio e parceiros pé de valsa

A agenda das "Meninas de Sinhá" está a todo vapor. O grupo – que já abriu shows de artistas como Elba Ramalho e Danie-la Mercury, faturou o Prêmio TIM de Música, plantou sementes no Vale do Jequitinhonha e não esconde a alegria de ter andado de avião – garante que tem muita estrada para rodar.

Em 26 de março, as "meninas" publicam seu primeiro li-

vro. A obra conta um pedacinho da história e os desafios de cada uma das 32 participantes. Outra novidade é o lançamento do segundo CD da turma, que será gravado ainda este ano, com composições próprias.

Durante os 15 anos de atividades, o sonho do grupo continua o mesmo: ajudar outras mulheres. "Nosso desejo é levar alegria a quem vive como nós já es-

tivemos um dia", explica Diva Oliveira, 72 anos.

Ter uma sede própria no Alto Vera Cruz, que permita às "meninas" tirar crianças da rua e outras moradoras de dentro de casa, também está nos planos. No espaço, ainda seria possível promover ações para valorizar o idoso e oferecer aulas de informática e teatro, danças afro, de balé e salão à comunidade.

Hoje, parte do trabalho desenvolvido já é voltado para um público mais jovem, chamado de "Netinhas de Sinhá". "O problema é que muitas crianças começam a participar, mas logo que a adolescência chega, vão embora", lamenta Valdete Gontijo, que aponta outra dificuldade para a permanência das integrantes-mirins. "Conciliar o horário da es-

cola com as nossas oficinas não é fácil", diz.

### Expectativa em alta 9 meses antes da festa

Tirar do papel o projeto da sede própria e comemorar o aniversário de 15 anos com toda a pompa que a data merece dependem de patrocínio. Mas a ajuda conseguida até agora está longe de ser suficiente.

"Queremos dançar valsa como debutantes. Às vezes nos pegamos imaginando como a festa será linda", diz Durvalina Oliveira, 59 anos.

Mas o dinheiro curto não é a única preocupação do grupo. A menos de nove meses do evento, nenhum homem se candidatou para dançar valsa com as "meninas".

"Eles têm vergonha", justifica Diva, que conta aos risos o vexame que passou na tentativa desesperada de conseguir um parceiro. "Sem saber, convidei até um homem sem perna. Fiz todo o charme e só parei de insistir quando ele me mostrou que não podia mesmo".

DIVULGAÇÃO



FOTOS EMMANUEL PINHEIRO



Cantigas de roda e brincadeiras transformaram a vida das mulheres e levaram o grupo a se apresentar junto a artistas como Elba Ramalho

